

PC DO B NA TV

DIA 30 de novembro o PCdoB voltará a ocupar Rede Nacional de Rádio e Televisão, com um programa de 1 hora de duração. Assista ao programa do PCdoB com seus amigos, companheiros de trabalho, familiares e vizinhos. Conheça as propostas democráticas e revolucionárias do Partido da classe operária.



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 15

ANO III

V FASE

NOVEMBRO 1987

Cz\$ 15,00

O MAIOR ACONTECIMENTO DO SÉCULO



Lenin proclama a fundação do poder soviético

EDIÇÃO
COMEMORATIVA

70
Anos
da Revolução
de Outubro

O Dirigente Comunista João Amazonas fala da Revolução de Outubro e da crise do Capitalismo.

Conheça documentos históricos escritos por Lênin nos dias da Revolução.

Páginas 4 e 5

FORA SARNEY, DIRETAS 88!

Dia 27 de novembro será realizado em Brasília, um grande comício pelas Eleições Diretas para presidente da República. Além do povo da capital, comparecerão delegações de todos os Estados, imprimindo à manifestação caráter de mobilização nacional. Os comunistas se ativarão na preparação do comício e tudo farão para levar a Brasília um grande número de pessoas.

EDITORIAL

Parlamentarismo é uma exigência democrática

A aprovação do sistema parlamentarista de governo pela Comissão de Sistematização da Assembléia Constituinte é um dos mais significativos fatos políticos na evolução recente da conjuntura nacional. Embora a batalha não esteja ganha, pois será decidida no Plenário da Constituinte, é uma primeira vitória dos democratas e derrota da reação.

Em primeiro lugar porque indica um ato de coragem, uma afirmação de soberania por parte do órgão que recebeu do povo brasileiro a incumbência de redigir nova Carta Magna para o país. O resultado da votação na Comissão de Sistematização contraria interesses poderosos, dos setores mais reacionários e autoritários da sociedade brasileira, aferrados a um sistema de governo ultrapassado, elitista, antidemocrático — o presidencialismo — por isto mesmo repudiado pela ampla maioria da população e pelas forças políticas lúcidas, democráticas e progressistas.

O Parlamentarismo passou na Comissão de Sistematização a despeito das ameaças e pressões das Forças Armadas, que vêem no presidencialismo um meio de perpetuar sua abusiva tutela sobre as instituições nacionais, de eternizar sua ingerência nos assuntos que dizem respeito à soberania popular, através do fantoche em que se tem convertido a figura

dos presidentes da República em nossa pátria. Ou de se arvorarem em defensores da ordem, através da deposição do Presidente e da destruição da democracia, quando este se recusa a cumprir tão melancólico papel.

Os constituintes votaram majoritariamente no Parlamentarismo a despeito também das torpes manobras e pressões oriundas do Planalto, das jogadas fisiológicas, das negociações com cargos administrativos e políticos e com a coisa pública.

As declarações do sr. Sarney dois dias antes da votação no plenário da Comissão mostraram bem o achincalhe e o desprezo com a consciência política do povo brasileiro e o anacronismo de um homem provinciano incapaz de captar e acompanhar as tendências dos novos tempos. Disse, o ocupante do Trono do Planalto, que o parlamentarismo é um sistema de governo muito avançado para um país atrasado como o nosso. Com isso confirma, sem querer, que a ferrenha luta que leva a efeito para garantir o presidencialismo a todo o custo, não passa de uma tentativa de manter o Brasil no atraso político, em mãos de oligarquias reacionárias, sujeito às instabilidades geradas por instituições caducas, jungido ao tacho militarista, submerso no autoritarismo e na corrupção.

A derrota do presidencialismo na Comissão de Sistematização não deixa de ser também a derrota de correntes políticas vespas, de curta e estreita visão, voltadas para interesses exclusivistas de grupelhos ou de caudilhos. Melancolicamente PT e PDT enfileiraram-se com o Planalto e com ele sofreram o maior revés político já colhido até aqui em sua atuação. Leonel Brizola, candidato eterno a presidente imperial, chegou a fazer às escondidas acordos com os generais e as oligarquias, a romper a unidade do movimento pré-eleições diretas em 1988, a sabotar os comícios e manifestações de massa, numa desesperada tentativa de isolar as correntes democráticas e progressistas conseqüentes na defesa de um novo sistema de governo. O caudilho gaúcho colheu, com a derrota e o isolamento a que ficou confinado, os frutos de sua orientação demagógica, traiçoeira e aventureira.

Saem vitoriosas as correntes democráticas sinceramente preocupadas em encontrar uma saída política, em modernizar as instituições, em dar ao país novo rumo progressista, que entere para sempre em nossa pátria a ditadura, a dominação oligárquica e o militarismo.

Sem nenhum triunfalismo ou inórdia, não podemos deixar de assinalar a grande vitória política que a

rejeição do presidencialismo na Sistematização representa para o Partido Comunista do Brasil. Foi o nosso Partido o primeiro a fazer a crítica conseqüente e completa do sistema presidencialista de governo e a apontar para a necessidade de buscar outras formas de governar, consentâneas com os tempos modernos e as necessidades e características do país. Em começos de 1985, já assinalava o camarada João Amazonas em artigo publicado na revista teórica PRINCÍPIOS (n.º 10) "Adquire particular importância na nova Carta a delimitação precisa dos poderes da República... O sistema presidencialista adotado em 1891, sem falar nos períodos ditatoriais que não foram poucos, reforçou tremendamente o Executivo, estimulou os abusos do poder pessoal ou de grupo... O parlamentarismo poderia, em certa medida, ser fator de equilíbrio no asseguramento da coordenação entre os três Poderes e servir de anteparo ao autoritarismo presidencial". Em meados de 1986, o Partido lançou suas "Teses à Constituinte", em que faz uma contundente e bem fundamentada crítica ao presidencialismo e propõe a adoção de novo sistema de Governo: "O presidencialismo deve ser substituído. É um sistema que repulsa a participação do povo, mesmo indiretamente, no comando da

nação. As teses do PCdoB indicam outro tipo de organização política da sociedade — o governo de coresponsabilidade do Executivo e do Legislativo".

Mas o papel de vanguarda do PCdoB na luta contra o presidencialismo não se verificou apenas na formulação de proposições políticas. Estendeu-se ao terreno da articulação, da arregimentação de forças, da negociação com outras correntes, do esclarecimento da opinião pública. Nossa bancada na Constituinte, embora numericamente pequena, foi a mais ativa no combate ao presidencialismo, na denúncia às descabidas pressões do Planalto e na defesa do Parlamentarismo.

A vitória do parlamentarismo na Comissão de Sistematização coloca a luta política, no âmbito da Assembléia Nacional Constituinte, num novo patamar.

Os que se aferram ao poder como ostras à pedra, os que querem deter o avanço político do povo brasileiro e a modernização das instituições intensificarão o bombardeio sobre a Constituinte e tentarão desesperadamente virar a mesa até à votação no Plenário. Esta é uma razão a mais para solidificar a unidade das forças democráticas e progressistas e mobilizar as massas tendo em vista as novas batalhas.

DIA DE GLÓRIA DO PROLET

"...Nós, com a inundação do segundo dilúvio Lavaremos as cidades do mundo..."

(Vladimir Maiakovski, poeta da Revolução e da construção do Socialismo)



Casa em que se reuniu o Comitê Central do Partido para decidir o início da insurreição.

*Ци, ки, широкое, что как мифы
народное полагало русский язык.
Может созданы бы флоры в Цу-
матин, как крайнее улучшение
народности? Всемирной социальную
тему революции, затом угрозе
мира и индустриализации с целью
здоровья, революции в России,
— так и военные полагали
несомненно ртутью русский
буржуазии и Керенским с Ка Студе
Кудря и тинице), — так и
продолжение большевизма
поддержкой народа в Сове-
тах; — все это в связи с
крупнейшими вооружениями
и с повстаньем народным
и в свои влорит*

Manuscrito de Lênin sobre a insurreição armada.



Ponto de concentração dos bolcheviques e de vendagem do jornal "Pravda" em Petrogrado

"É IMPOSSÍVEL ESPERAR. A REVOLUÇÃO TEM DE SER FEITA!"

24 de outubro (06 de novembro) de 1917

Camaradas!
Escrevo estas linhas na noite de 24 de outubro. A situação é extremamente crítica. É mais do que claro que a demora para o início da revolta representa a morte.

Garanto aos camaradas que tudo agora está por um fio. Quero que saibam que a hora não comporta mais reuniões, assembleias ou coisas deste tipo. As questões só poderão ser resolvidas pelos povos, pela massa, pela luta da massa armada.

A pressão da burguesia "kornilovista" e o afastamento de Verkhovski demonstram que é impossível esperar. É indispensável que, hoje à noite, o governo seja derrubado e desarmados os junkers (recorrendo às armas se houver resistência), etc.

Impossível esperar!!! Podemos perder tudo!!!

O valor da imediata tomada do poder: a proteção do povo (não da reunião,

mas do povo, do exército e dos camponeses, em primeiro lugar) contra o governo kornilovista que expulsou Verkhovski e maquinou novo complô kornilovista.

Quem deve tomar o poder? Isto agora não importa. Tanto faz que o faça o Comitê Militar Revolucionário ou um outro órgão qualquer que declare que entregará o poder apenas aos autênticos representantes dos interesses do povo, interesses do exército (proposta imediata de paz), interesses dos camponeses (confisco de terras), interesses dos famintos.

É preciso mobilizar todas as regiões, regimentos e reservas de forças. É preciso, também, enviar delegações para o Comitê Militar Revolucionário, para o Comitê Central dos Bolcheviques e exigir incessantemente que tudo seja resolvido esta noite. Não deixar o poder nas mãos de Kerenski companhia até o dia 25.

A História não perdoará a hesitação aos revolucionários, que podem vencer

hoje (é certo que vencerão hoje), correndo o risco de perder tudo amanhã.

A tarefa primordial da revolta é a tomada do poder; o seu objetivo político será esclarecido após a tomada.

Seria uma desgraça esperar pelas eleições de 25 de outubro. O povo tem por direito e obrigação resolver as questões, não através das eleições mas pela força. O povo tem por direito e obrigação, nestes momentos críticos da revolução, orientar os seus representantes, até mesmo os seus melhores representantes, ao invés de esperar por eles.

Isto já foi provado pela História de todas as revoluções. Ilimitados seriam os crimes dos revolucionários, se eles não aproveitassem o momento, sabendo que depende deles a salvação da revolução, a proposta de paz, a salvação de Petersburgo, o fim da fome e a entrega das terras aos camponeses.

O governo hesita. É preciso derrubá-lo haja o que houver!

Qualquer demora representa a morte!

"A REVOLUÇÃO TRIUNFOU!"

Dois comunicados do Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Petrogrado

Os Correios e Telégrafos, todas as estações de trens, a Central Telefônica estão ocupados. O Palácio de Inverno e o Estado-Maior estão excluídos do sistema telefônico. O Banco do Governo foi tomado. O Palácio de Inverno, o Estado-Maior e áreas próximas estão cercados. Os batalhões de choque foram dispersados. Os junkers paralisados. Os trens blindados passaram para o lado do Comitê Revolucionário. Caiu o Governo Provisório. O poder passou às mãos do Comitê Revolucionário do Soviete de Petrogrado de Deputados Soldados e Operários.

justa, a distribuir terras aos camponeses, a convocar a Assembléia Constituinte. O poder local passou às mãos dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses.

O Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Petrogrado.

A todos os cidadãos da Rússia!
O Governo Provisório foi derrubado. O poder passou às mãos do órgão do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, e do Comitê Militar Revolucionário que liderou o proletariado e a guarnição de Petrogrado.

A causa pela qual o povo lutou: a proposta imediata de paz democrática, confisco das terras, controle operário sobre a produção, criação do Governo Soviético. Todas estas reivindicações estão garantidas.

Salve a revolução dos operários, soldados e camponeses!

Comitê Militar Revolucionário do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado.

O PODER SOVIÉTICO CUMPRE SUA PALAVRA

Vitoriosa a Insurreição, o II Congresso dos Sovietes reunido em Petrogrado, sob a direção de Lênin, aprovou dois Decretos que realizavam os anseios do proletariado, do campesinato e de todo o povo russo: o Decreto sobre a Paz e o Decreto sobre Terras. Ambos redigidos por Lênin.

DECRETO SOBRE A PAZ

O governo Operário e Camponês, criado pela revolução de 24-25 de outubro (6-7 de novembro), e apoiado pelos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses propõe a todos os povos beligerantes e a seus governos que sejam iniciadas as conversações sobre uma paz justa e democrática.

A paz justa e democrática de que tem sede a maioria esmagadora de operários e trabalhadores de todos os países beligerantes esgotados, torturados e levados ao desespero pela guerra. A paz que desde a queda da monarquia vem sendo insistentemente exigida pelos operários e camponeses russos. A paz sem anexações (isto é, sem ocupação de terras alheias e sem a anexação de outros povos) e sem construições.

Tal é a paz que o Governo da Rússia propõe seja imediatamente decretada por todos os povos beligerantes. O governo russo está pronto a preencher todas as condições e medidas necessárias à fase preliminar da assinatura do acordo, através de reuniões de representantes de todos os países e nações.

Por anexação ou ocupação de terras alheias o governo entende toda e qualquer incorporação de uma nação pequena ou fraca a uma grande potência, sem que a primeira tenha manifestado, precisa e voluntariamente, o desejo de pertencer a outra nação. Isto independe tanto da data em que a anexação forçada foi consumada, quanto do grau de desenvolvimento ou atraso do país compulsoriamente anexado ou mantido dentro dos limites da potência em questão. Independe, por fim, da zona em que a nação anexada fique situada: se na Europa ou nos distantes países de além-oceano.

Se um país qualquer é mantido dentro dos limites da potência em questão, pela força; se for negado ao seu povo o direito de voto livre, ainda que este manifeste

tal desejo, quer através da imprensa, de comícios ou revoltas e demonstrações contra a opressão nacional; se, através do emprego de tropas da potência anexionista, for negado ao povo subjulgado o direito de decidir sobre a forma de governo do seu país, trata-se, então, de uma anexação, isto é, usurpação e opressão.

Para o Governo continuar esta guerra que permitirá às grandes potências dividirem entre si as nações fracas por elas subjugadas, é o mesmo que cometer um crime hediondo contra a humanidade. Declara, solenemente, estar pronto a aceitar as condições do decreto de paz que acabará com a guerra.

Ao mesmo tempo, o Governo declara, que estas condições de paz não têm caráter de ultimato, isto é, que concorda em examinar toda e qualquer sugestão que surgir, insistindo apenas no caráter de urgência com que devem ser feitas as negociações de paz, dentro de um clima de franqueza, excluídas todas as dubiedades e segredos ao longo delas.

O Governo não aceita a diplomacia secreta, firmemente decidido que está a manter todas as negociações em aberto, perante o povo, divulgando todos os acordos secretos endossados ou concluídos pelo governo dos proprietários e capitalistas, desde fevereiro até 25 de outubro (7 de novembro) de 1917. O Governo revoga todos os acordos e decretos deste período, na medida em que eles favoreçam ou concedam privilégios aos proprietários da terra e capitalistas russos, voltados para a conservação ou ampliação das anexações.

Ao propor a imediata abertura das negociações de paz, a todos os povos e governos, o Governo declara-se disposto a manter as negociações tanto por intermédio de documentos escritos, de telegramas, como por intermédio de acor-

dos entre os representantes de diferentes países. Para facilitar as negociações, o Governo nomeia um representante plenipotenciário para os países neutros.

O Governo propõe aos dirigentes e povos dos países beligerantes a imediata decretação de uma trégua que deverá ter a duração mínima de três meses. Tal prazo favorecerá as negociações para a assinatura final do pacto.

Ao fazer esta proposta de paz aos governos e povos dos países beligerantes, o Governo Operário e Camponês da Rússia, dirige-se, sobretudo, aos operários conscientes das três nações de vanguarda da humanidade e maiores potências que ora participam da guerra: Inglaterra, França e Alemanha. Os operários destes países prestaram grandes serviços à causa do progresso e do socialismo; os valerosos exemplos do movimento cartista na Inglaterra, a série de revoluções de sentido histórico universal empreendidas pelo proletariado francês e, por fim, a luta heroica contra a lei de exceção na Alemanha, um verdadeiro exemplo para os operários de todo o mundo, como trabalho organizado e disciplinado de criação das organizações proletárias na Alemanha.

Todos esses exemplos do heroísmo proletário e de sua obra histórica, nos servem de garantia de que os operários dos países mencionados compreenderão a sua responsabilidade de libertar a humanidade dos horrores da guerra e suas consequências. Estamos certos de que eles nos ajudarão a resolver o mais cedo possível a questão da paz e, ao mesmo tempo, a causa da libertação da classe trabalhadora e da massa explorada, de toda e qualquer escravidão e exploração.

O Presidente do Soviete de Comissários do Povo — Vladimir Ulianov — Lênin



Lênin discursa no II Congresso dos Sovietes que aprovou os decretos sobre a paz e sobre a Terra



Fac-símiles dos decretos sobre a Paz e sobre a Terra

DECRETO SOBRE TERRAS

1) Fica abolida, pelo presente decreto, sem nenhuma indenização, a propriedade latifundiária.

2) Todas as propriedades dos latifundiários, bem como as dos conventos e da igreja, acompanhadas de seus inventários, construções e demais acessórios ficarão à disposição dos comitês de terras e dos Sovietes de Deputados Camponeses, até a convocação da Assembléia Constituinte.

3) Quaisquer danos causados aos bens confiscados que pertencem, daqui por diante, ao povo, e crime punido pelo tribunal revolucionário. Os Sovietes de Deputados Camponeses adotam todas as medidas necessárias para manter a ordem no ato do confisco de propriedades, para a elaboração de uma relação exata das

terras confiscadas e de suas extensões. Preocupa-se também em conservar em absoluta segurança o direito sobre as terras, com suas construções, equipamentos, gado, reservas de mantimentos, etc. que hajam passado às mãos do povo.

4) Enquanto se aguarda a decisão final da Assembléia Constituinte, a presente ordem estará em vigor, ordem esta válida para todo o país e elaborada, com base nos 242 mandatos camponeses locais, na redação do Notícias do Soviete Nacional de Deputados Camponeses e divulgada pelo n.º 88 do mesmo noticiário (Petrogrado, n.º 88 — 19 de agosto de 1917).

O Presidente do Soviete de Comissários do Povo — Vladimir Ulianov, Lênin

PROLETARIADO REVOLUCIONÁRIO

João Amazonas

Este 7 de novembro registra o 70º aniversário da maior revolução da História — a Revolução Proletária, socialista, na Rússia, antigo feudo dos czares, principal reduto da reação européia. Os operários da velha Petrogrado, os guardas-vermelhos, os soldados e marinheiros, com os comunistas à frente, desencadearam a insurreição popular e, em poucas horas, derrubaram o governo formado por representantes da burguesia e dos latifundiários aburguesados ligados com os mencheviques e os social-revolucionários. À noite, instalava-se o II Congresso dos Soviéticos, no Palácio Smolny, sede também do Comitê Central do Partido Bolchevique. Afirmando a vontade da imensa maioria dos operários, soldados e camponeses, e apoiando-se na insurreição triunfante, o Congresso proclamou que todo o Poder estava em suas mãos. E decidiu criar o primeiro governo soviético, o Conselho de Comissários do Povo, composto integralmente por bolcheviques. Vladimir Ilitch Lênin foi designado para presidir o novo governo revolucionário da Rússia.

A Revolução Socialista abria outra era para a Humanidade, era da emancipação dos explorados e oprimidos, que marcava o início da derrocada do sistema capitalista. Com esse acontecimento a burguesia mundial sofria a sua primeira grande derrota de significação histórica. Uma sexta parte do Globo fugia do seu controle e passava a ser dirigida pela classe operária, tendo como vanguarda o Partido Comunista (então Social-Democrata) da Rússia, sob o comando magistral de Lênin.

O proletariado mundial saudou com entusiasmo a revolução vitoriosa e lhe deu amplo e decidido apoio. A bandeira desfraldada na Rússia era a mesma levantada por Marx e Engels na qual se inscrevia a legenda imortal — "Proletários de todos os países, uni-vos!".

Não obstante o desesperado empenho das potências capitalistas para esmagar o socialismo nascente, a revolução de novembro de 1917 consolidou-se e, num prazo relativamente breve, construiu os fundamentos de uma vida de liberdade, cultura e justiça social. A União Soviética converteu-se na esperança e no sonho dos que gemem sob o jugo do capital monopolista e do latifúndio retrógrado. A partir da ascensão do proletariado ao Poder, as idéias do comunismo e da revolução proletária expandiram-se rapidamente por toda a parte, surgiram e ganharam força os partidos comunistas de novo tipo, tendo por centro aglutinador a III Internacional, fundada em março de 1919.

Transcorreram anos de luta, de ação enérgica para proceder às transformações radicais que se faziam necessárias. Alcançaram êxitos marcáveis a industrialização do país, a coletivização da agricultura, a educação em massa das populações plurinacionais, a organização de poderosa defesa da pátria libertada.

No curso da II Grande Guerra, quando Hitler ameaçava os povos de todos os Continentes com o terror nazista, a Revolução, mostrada, sob a direção de Stálin, mostrou seu pleno vigor nos terrenos material, político e ideológico. Foi a União Soviética, dirigida pelo Partido Comunista, que salvou o mundo da barbárie hitlerista. Perdeu 16 milhões de seus melhores filhos, centenas de suas cidades foram arrasadas. Mas esse gigantesco sacrifício de sangue e vidas humanas resultou no esmagamento da víbora alemã que representava os interesses do imperialismo germânico e de seus comparsas do Japão e da Itália, e refletia, além disso, a expectativa do capitalismo em geral de ver destruída a revolução soviética. A burguesia mundial sofria assim a sua segunda grande derrota histórica.

Após a revolução russa, nunca mais o sistema capitalista-imperialista conseguiu equilibrar-se na roda viva da História. Acentuou-se sua decadência em todos os aspectos — social, político, econômico, cultural e moral. A decadência liberdade democrática, que vinha da época das revoluções burguesas, reduziu-se enormemente. Em seu lugar, ocuparam espaço as formas e os métodos fascistas, arbitrários. Exacerbou-se o militarismo que se expressava em ditaduras abertas ou camufladas sob a égide das Forças Armadas. Intensificou-se a brutal exploração da maioria da população do Planeta pelo capital financeiro internacional, pelos monopólios capitalistas nacionais e transnacionais. Despendem-se somas colossais na corrida armamentista em detrimento da produção de bens de consumo e da melhoria da qualidade de vida dos povos. As cri-

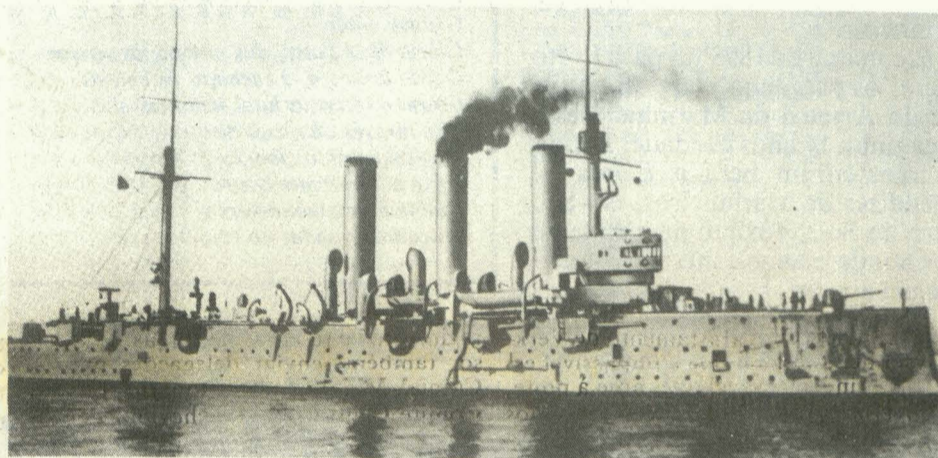


1 Lênin, Chefe da Revolução ao chegar à Estação Finlândia.

2 Revolucionários tomam o Palácio de Inverno em Petrogrado.

3 O Cruzador "Aurora", cujos canhões deram o sinal para o início da Insurreição.

Lênin na fábrica de Putílov em 1917



rotas. Algumas, como o retrocesso ao capitalismo na União Soviética, causaram danos consideráveis. Mas esses reveses são temporários, superáveis. A favor da revolução jogam os fatores permanentes da desagregação e do declínio do sistema capitalista.

Não se pode ainda prever que formas tomarão os embates populares revolucionários, nem que países começarão a grandiosa batalha por uma nova ordem baseada na justiça social. É impossível prever de imediato como se apresentará o inimigo em desespero de causa. Em passado recente, utilizou o fascismo e a guerra, empregou o terror atômico. Por sua vez, os povos orientaram-se para a luta antifascista e para o movimento revolucionário libertador. As duas grandes guerras influíram e facilitaram a vitória dos povos. A revolução, porém, não está condicionada irremissivelmente às guerras entre os inimigos imperialistas, que os dividem e enfraquecem. A revolução nasce de contradições internas agravadas no conjunto da sociedade. Tem caráter objetivo.

Engels assinalava que "as revoluções não se fazem à vontade e de maneira arbitrária, elas foram por toda a parte e sempre a consequência necessária de circunstâncias absolutamente independentes da vontade e da direção de partidos e classes inteiras". E aduzia: "Os comunistas vêem que o desenvolvimento do proletariado se choca em quase todos os países civilizados com brutal repressão e que, assim, os adversários dos comunistas trabalham eles mesmos com todas as suas forças pela revolução". (Engels: **Princípios do comunismo**).

No Brasil, as classes dominantes — com sua política de fome, de arrocho salarial, de repressão violenta aos trabalhadores das cidades e dos campos, de dependência criminosa ao capital estrangeiro que saqueia a nação, de intransigente defesa do latifúndio, de corrupção, desbragada no aparelho do Estado, de militarismo opressor, de desprezo pelo triste destino das grandes massas do povo — geram situação insustentável. Cegamente, elas preparam as condições que propiciam a eclosão revolucionária.

Sem dúvida, a direção do movimento espontâneo de luta do proletariado e das massas populares pelo Partido Comunista marxista-leninista



ta tem primordial importância. A guerra social que se encontra em estado latente na sociedade capitalista é muito complexa, toma variadas formas, exige um comando experiente, armado da teoria revolucionária fundada por Marx e Engels. A luta, e somente a luta, educa e organiza o proletariado.

É nesse panorama da situação mundial que se comemora o 70º aniversário da Revolução Socialista. Aparentemente, as explosões revolucionárias parecem contidas em muitos países, ou adormecidas. A realidade é bem outra. Acumulam-se com rapidez inusitada fortes elementos de comoções sociais que acabam estourando irrefreavelmente. A gloriosa e exitosa experiência da Grande Revolução Socialista na Rússia indica o caminho, a necessidade de ser forjada ampla união das forças exploradas e oprimidas na qual se inclui, como peça fundamental, a aliança operário-camponesa e a direção insubstituível do verdadeiro Partido Comunista que encarna as aspirações dos trabalhadores por uma vida de progresso, cultura, liberdade, independência e justiça.

O socialismo proletário, revolucionário, científico é a solução para os tremendos males que o capitalismo gerou. Historicamente, não há força capaz de impedir o seu triunfo. Viva a Revolução Socialista!

ses econômicas e financeiras repetiram-se, sem solução. No momento, nova crise arrasadora de incalculável dimensão econômico-social abala o universo capitalista. Moralmente, a decomposição do sistema baseado no lucro revelou-se na degeneração do comportamento social, na exaltação doentia do sexo, no consumo das drogas, na corrupção desenfreada.

O capitalismo gerou contradições profundas no seio da sociedade. Quanto mais avança a técnica, e aos saltos se desenvolve o capitalismo, maiores são os desajustes sociais por ele criados. Além do exército imenso de desempregados, da falta de trabalho e de perspectiva para as novas gerações que deixam as escolas e não encontram onde exercer a profissão aprendida, emerge uma extensa camada que se intenta denominar de **marginais**, envolvida na delinquência, vítima das injustiças sociais, ou produto da ambição desmedida de enriquecimento a qualquer custo. Rouba-se, assalta-se, seqüestra-se em progressão geométrica. A burguesia vive com medo. Multiplica o aparelho policial, gradeia as janelas e portas das casas em que mora, organiza seguranças especiais contra assaltantes, usa carros blindados para transportar dinheiro. Tudo em vão, a insegurança nos centros urbanos vai-se tornando total.

Tão danosos quanto os **marginais** são os dilapidadores e ladrões do dinheiro público, os criminosos de "colarinho branco", acobertados pela impunidade. Apossam-se de milhões em transações fraudulentas, e nada lhes sucede. Ladrões são também os banqueiros internacionais que, com simples manobra de au-

mento do **spread**, elevam abusivamente as dívidas dos países dependentes, saqueando-os de maneira impiedosa.

Os meios de que a burguesia dispõe para defender-se — a polícia, os tribunais, o exército — são atingidos largamente pela corrupção. Não há fronteiras definidas na vida real entre o crime e o anticrime. A polícia rouba, seqüestra, toma parte em assaltos a bancos. Os tribunais absolvem ou mandam pôr em liberdade os criminosos das classes dominantes. Altos escalões das Forças Armadas envolvem-se em negociações de todo tipo e em atividades ilícitas. A burguesia não consegue impedir o assombroso crescimento do tráfico de drogas, nem deter a onda dos assaltos a mão armada.

E enquanto bilhões de dólares são gastos na corrida armamentista, a fome campeia avassaladora em toda a parte. Milhões de crianças sucumbem vítimas da subnutrição. Grande parte das populações citadinas não tem onde morar, vive sob pontes e viadutos. O mundo capitalista está enfermo, gravemente enfermo, sem qualquer possibilidade de recuperação.

Desse modo, preparam-se objetivamente as condições para a terceira grande derrota histórica da burguesia. Os povos em luta buscarão a estrada real da revolução, no rumo do socialismo. Todo esse oceano de descontentamento coibido explodirá em entrechoques revolucionários contra o sistema caduco que agoniza mas não cede pacificamente o lugar que ocupa.

É certo que também o proletariado e os revolucionários sofrerão der-

O "ALMIRANTE NEGRO" FALA SOBRE A REVOLTA DA CHIBATA

Num recanto do Estado do Rio, "meio escondido", em Coelho da Rocha, município de São João do Meriti, reside o velho combatente em modesta casa, que ainda não chegou a ser terminada, na Rua Turmalina. João Cândido, vestindo calça e blusão brancos, em posição firme, bem recorda seus velhos tempos de marinheiro. Surpreendeu-nos vê-lo, com seus 83 anos, movimentar-se de um lado para outro, como se fora ainda um moço. Sorriso franco, alegre e acolhedor, mas que deixa antever, em sua fisionomia sulcada pela força implacável do tempo, a vida de um homem que sofreu e lutou contra a prepotência dos poderosos da época.

INFÂNCIA

Conta o entrevistado, em rápidas palavras, alguns detalhes de sua infância:

"Nasci em Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, em 24 de junho de 1880. Meu pai chamava-se João Cândido Felisberto. Era um rude tropeiro que ganhava a vida levando gado para as charqueadas que, naquela época, existiam em quase todas as cidades do Estado. Éramos 4 irmãos. Eu, o caçula, acompanhava meu pai nessas tropeadas. Assim vivi até a idade de treze anos. Meu irmão mais velho, Nazário, fez a guerra do Paraguai juntamente com meu pai no Primeiro Corpo de Cavalaria, organizado na cidade de Rio Pardo, sob o comando de Andrade Neves. Minha mãe, Inácia Felisberto, nunca saiu daquela cidade. Permanecia sempre em companhia de meus irmãos mais velhos".

NA MARINHA

Depois de pequeno intervalo, passa a contar como se transformou em marinheiro.

"Em março de 1893 fui para Porto Alegre. Ai chegando ingressei na Escola do Arsenal da Marinha. Nessa época tinha 14 anos de idade. Depois me transferiram para a Escola de Aprendizes de Marinheiros, em São Pedro do Sul, próximo da cidade do Rio Grande, naquele mesmo Estado. Tive um ano de aprendizado naquela escola. Quando completei 15 anos vim para o Rio de Janeiro, onde entrei definitivamente para a Marinha. Ai permaneci 19 anos".

FERMENTO DA REVOLTA

Prosseguindo seu relato, João Cândido diz:

"O movimento que fizemos na Marinha não surgiu de um momento para outro. Resultou de ódios que vinham se acumulando, já desde há muitos anos, pelos castigos desumanos e brutais, a que éramos submetidos. Além disso, começamos a tomar conhecimento de que, em outras partes do mundo, marinheiros já haviam se revoltado contra os maus tratos. Nossa vida na marinha não era de um ser humano que prestava serviços à pátria e sim a de animais. Bastava um chefe não gostar da cara do marinheiro, para que este fosse vítima de perseguições, maltratado e chibatado. A mínima falta, éramos metidos a ferros nas chamadas solitárias. Ai permaneciamos dias a fio, a pão e água, até que se lembrassem de que ali estávamos. Muitos não resistiam a tais atrocidades e acabavam morrendo. A alimentação era tão ruim que só mesmo os porcos poderiam comê-la. Os mais absurdos pretextos eram utilizados pelos chefes para acusar o marujo de ato de indisciplina e de subversão e assim, castigá-lo. Nos meados de 1907, o fermento da revolta começou a tomar conta de todos nós".

ORGANIZAÇÃO

Há uma pausa... Perguntamos-lhe como organizaram o levante.

Responde o Almirante Negro, com sua memória privilegiada:

"Preparamos a revolta organizando todos os descontentes em comitês rigorosamente conspirativos. Os membros de um comitê não conheciam os de outros. Esses comitês eram coordenados e dirigidos por um Comitê Geral, que tinha sua sede no encouraçado Minas Gerais. Em terra havia outros três comitês, subordinados ao Comitê Geral. Dois destes funcionavam na Rua Tobias Barreto, 65, no Morro da Conceição, e finalmente o terceiro realizava suas reuniões próximo da Polícia Central. Naquela época a polícia já caçava conspiradores..."

"O Comitê Geral compunha-se de Ricardo de Freitas e Francisco Dias Martins, do cruzador Bahia; o cabo Gregório do Nascimento do São Paulo; André Avelino, do Deodoro; e eu, que pertencia ao Minas Gerais. Por escolha dos companheiros passei a chefiar o movimento, pois conhecia muito bem o navio mais moderno do mundo, o Minas Gerais. Isto porque acompanhei nos estaleiros da Inglaterra os últimos nove meses de sua construção. Nessa ocasião era comandante o Capitão de Mar e Guer-

No dia 22 de novembro completa 77 anos um dos acontecimentos mais expressivos da história de lutas do povo brasileiro — A Revolta da Chibata, como ficou conhecido o levante dos marinheiros da Esquadra contra os maus tratos que lhes eram inflingidos pelos oficiais. Um dos líderes do movimento, o "Almirante Negro" João Cândido foi entrevistado pela reportagem de A CLASSE OPERÁRIA em 1963. Em homenagem à data, republicamos a matéria editada no número de novembro de 1963 de nosso jornal. Trata-se de matéria de interesse jornalístico e histórico, além de se revestir de importância política e ideológica, porque inspira os atuais combatentes das causas democráticas e populares.

João Cândido, líder da Revolta da Chibata, lê decreto da anistia (1910)



MESTRE SALA DOS MARES

João Bosco e Aldir Blanc

*Há muito tempo nas águas da Guanabara
O "Dragão do Mar" reapareceu
Na figura de um bravo marinheiro
A quem a História não esqueceu
Conhecido como Almirante Negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao conduzir pelo mar
O seu bloco de fragatas
Foi saudado no porto
Pelas mocinhas francesas
Jovens polacas
E um batalhão de mulatas
Rubras cascatas
Jorravam nas costas dos negros
Pelas pontas das chibatas
Inundando o coração
De toda tripulação
Que comandada pelo Almirante
Gritava então
Glória às mulatas, aos piratas, às sereias
Glória à farafa, à cachaça, às baleias
Glória à todas as lutas inglórias
Que através da nossa história
Não esqueceremos jamais
Salve o Almirante Negro
Que tem por monumento
As pedras pisadas no cais*

ESTÁ SURGINDO A UNIÃO POPULAR DE MULHERES DE S.P.

No dia 21 de novembro será realizado o Encontro de Entidades Emancipacionistas do Estado de São Paulo. Este Encontro tem despertado um grande entusiasmo entre as mulheres de todas as áreas por colocar a perspectiva da organização e articulação do trabalho da frente de mulheres a nível estadual, com a construção da União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo.

Estão se realizando inúmeras assembleias de preparação, incluindo a indicação de delegações de fábricas como a Filizola, a Fame, e Sharp, de mulheres jovens e bóias frias.

As organizadoras do Encontro lançaram um Manifesto às mulheres paulistas que está circulando amplamente.

"Em São Paulo, diz o Manifesto, já surgiram inúmeras entidades na

capital e no interior, porém elas só serão forte arma em nossas mãos, se estiverem articuladas, atuando em conjunto, sob a direção de uma organização estadual que congregue as mulheres paulistas empenhadas em sua verdadeira emancipação.

Vamos construir juntas a União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo, que saiba unir a luta das mulheres por seus direitos à luta das mulheres enquanto trabalhadoras e enquanto cidadãs.

A União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo fará da adesão das operárias, das bóias frias, das empregadas domésticas, das donas de casa, das estudantes, das professoras, das intelectuais, de todas nós, negras, amarelas, brancas, seu principal objetivo, representando as mulheres simples do povo, em sua luta

contra a discriminação secular.

A União Popular de Mulheres do Estado de São Paulo lutará pela emancipação da mulher, procurará se incorporar à luta de mulheres e homens, por um país justo e democrático, aspirará e contribuirá para realizar o sonho de um Brasil socialista.

Venha, companheira, junte-se a nós, para podermos, de mãos dadas, construir, a partir de cada fábrica, de cada escola, de cada hospital, de cada fazenda, de cada cidade, a UNIÃO POPULAR DE MULHERES DO ESTADO DE SÃO PAULO!"

As mulheres comunistas do PC do B estão em seus locais de trabalho, estudo e moradia, empenhando esforços para o êxito do Encontro e para a criação da UPMESP.

VEM AÍ O ATIVO ESTUDANTIL

A Direção Nacional do Partido convocou para o próximo dia 23 de novembro um Ativo de quadros dirigentes comunistas no movimento estudantil e responsáveis por essa frente nos Diretórios Regionais.

O objetivo do encontro será analisar a experiência acumulada nessa frente desde a reorganização da UNE, em 1979, avaliar os resultados do último Congresso realizado em

outubro em Campinas e traçar novas orientações para o trabalho dos comunistas no movimento estudantil universitário.

O Partido Comunista do Brasil sempre teve atuação destacada no meio da juventude universitária. É um intransigente defensor das liberdades, da cultura, das artes e das ciências. Apoiar com todas as suas forças as reivindicações específicas

dos estudantes por melhores condições de ensino, pela educação pública e gratuita e por uma Universidade democrática e voltada para o progresso e os interesses nacionais. O Ativo será um momento de reflexão e aprofundamento, e ponto de partida para a tomada de resoluções políticas e organizativas que coloquem a atuação do Partido no Movimento Estudantil à altura de suas responsabilidades.

METALÚRGICOS COMUNISTAS REALIZAM SEMINÁRIO NACIONAL

Realizou-se de 31 de outubro a 02 de novembro o Seminário Nacional de Dirigentes Metalúrgicos Comunistas, por iniciativa da Direção Nacional do Partido.

Participaram mais de cinquenta camaradas diretores de sindicatos, membros de CIPAs, Comissões de Fábricas e correntes classistas estaduais, como a União Metalúrgica de São Paulo, A União Metalúrgica de Campinas-SP, a Garra Metalúrgica do Rio de Janeiro e a Garra Metalúrgica de Contagem-MG.

O Seminário teve uma pauta extensa, rica e variada. Discutiu-se a situação política nacional, a partir do informe político do Camarada José Renato Rabelo, vice-presidente nacional do Partido, a política sindical

do partido, que teve como informante Ronald Freitas, o novo perfil da classe operária e o trabalho nas fábricas, tema relatado por João Batista Lemos e a ação sindical, pelo editor de sindicalismo da *Tribuna Operária*, Altamiro Borges.

O Seminário teve ainda uma Mesa Redonda sobre Direção Sindical, com a participação de Pozenato, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul-RS, Renildo Souza, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador-BA e Eustáquio Vital, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Durante a Mesa Redonda foram trocadas experiências sobre a prática de direção sindical.

A realização do Seminário Nacional de Dirigentes Metalúrgicos Co-

ra João Batista das Neves, de triste memória. Além disso, já tinha alguma experiência de luta, uma vez que participei ativamente da campanha do Acre, de 1902 a 1903, sob o comando de Plácido de Castro. Vi o representante do Governo da Bolívia em Porto Acre, preso pelos homens chefiados por aquele caudilho".

DATA DA REVOLTA

"O Comitê Geral — prossegue — havia determinado o dia 15 de novembro, posse do Marechal Hermes da Fonseca na Presidência da República, para estourar a revolta. O forte temporal que desabou sobre o desfile naval, deixou a marujada exausta e alguns marinheiros obtiveram permissão para ir à terra. Assim nova data foi marcada: 24 ou 25 do mesmo mês".

"Mas, as 250 chibatadas que sofreu o nosso companheiro Marcelino Rodrigues precipitou tudo. Tomamos todas as medidas para o levante. Distribuimos o pessoal nos seus postos. Enfim, tudo pronto. As 22:50 horas, do dia 22, mandamos disparar um tiro de canhão. Era o sinal combinado. Imediatamente atenderam os cruzadores Rio Grande do Sul, Bahia, os encouraçados Deodoro e São Paulo, além de outras unidades de menor porte. Estas últimas, porém, foram dispensadas e suas tripulações distribuídas pelas unidades maiores".

"Os oficiais que se encontravam em terra lá ficaram. Apenas o comandante Batista das Neves, que estava fora, procurou dominar o movimento pela força e encontrou a morte juntamente com o tenente Alvaro Alberto da Silva".

"Nosso primeiro ato foi dispensar a missão técnica inglesa que se encontrava a bordo do Minas Gerais. Ficamos senhores da situação. Executamos manobras com tal perícia que causaram espanto ao Almirante inglês. A seguir, expedimos mensagem dirigida ao Presidente da República, exigindo a abolição do regime da chibata e de toda a sorte de castigos corporais. Caso não nos atendessem iríamos bombardear o Rio de Janeiro. Depois de 6 dias de luta a anistia foi decretada".

TRAIÇÃO DO GOVERNO

"Mas o ódio contra nós não se tinha apagado — diz João Cândido — não tardou a traição do governo. Isto, talvez, porque o governo da Inglaterra criticou seriamente o governo brasileiro por não ter reprimido com violência nosso movimento. Mas eles nada podiam fazer naquele momento. A esquadra estava em nossas mãos... O Governo de Hermes, para não cumprir as promessas feitas, recorreu a uma manobra suja. Ordenou nos primeiros dias de dezembro, injustificadamente, que tropas do exército atacassem o batalhão naval. Então este se revoltou. Foi o pretexto para decretar o estado de sítio. Deste modo, ficou sem efeito a anistia. Ai começa a fase mais difícil. As perseguições, os encarceramentos em massa, as deportações, os fuzilamentos e toda a espécie de sevícias contra os que participaram da revolta. Dezenas de marinheiros eram enviados para o Amazonas e lá morriam sob o tacão do General Rondon. Uma das figuras que mais se destacaram no massacre de marinheiros foi o Delegado de Polícia Flores da Cunha, mais tarde Governador do Estado do Rio Grande do Sul e deputado federal pela UDN. Na baía de Guanabara, à noite, era comum o fuzilamento de marinheiros. Quanto a mim, fui preso como um dos cabeças do movimento e conduzido ao Quartel General, onde permaneci um mês. Depois me levaram para a Ilha das Cobras. Nesse calabouço, sofri toda a sorte de torturas. Me meti dentro de uma barrica de cal virgem e iam pondo água aos poucos até a cal começar a queimar. Passei por este castigo várias vezes. O desejo do governo era que eu morresse lentamente. Muitos companheiros não resistiram aos tormentos. Fiquei isolado nessa ilha durante dois anos. Somente um velho colega da Marinha, Jorge Pereira e sua esposa tinham permissão para me visitar. Finalmente inventaram que eu estava louco e me atiraram num manicômio".

"Assim, depois de ter servido à Marinha 19 anos, dela fui desligado. Minhas condições físicas, ao sair da prisão eram as piores: tuberculoso, na mais completa miséria, sem poder trabalhar. Hoje vivo de uma pequena pensão, concedida pelo Governo do Rio Grande do Sul, por iniciativa do deputado Carlos Santos que, em 1950, quando lá estive, ocupava uma cadeira na Assembleia Legislativa daquele Estado".

"Foi assim que terminamos com a chibata em nossa Marinha. O marujo passou a ser cidadão".

VIDA DO PARTIDO

BARBOSA: DE CACIQUE A CAPACHO

Depois de ser expulso das fileiras do PCdoB em agosto último, por decisão unânime de sua direção regional em São Paulo, o sr. Antônio Neto Barbosa tenta manter-se em evidência atacando furiosamente o Partido e sua direção. Barbosa utiliza a tática costumeira dos renegados, ou seja, fugir do ostracismo e do esquecimento, chamando a atenção para si com ataques raivosos à organização revolucionária e aos seus principais dirigentes.

O Partido sabe que Barbosa é um covarde; que concordou com a con-

vocação da Conferência Regional e o tempo inteiro fugiu ao debate quando se esperava que ao menos tivesse coragem de defender suas posições aventureiras diante do Partido. No entanto, o "cacique" que "conduzia" o Partido em São Paulo como verdadeiro tiranete mostrou-se frágil e mesquinho diante dos argumentos que contra ele se levantavam.

Hoje o "cacique" não passa de capacho de um subgrupo da burguesia em disputa por fatias do poder. Sua tarefa agora é arregimentar cabos

eleitorais para políticos burgueses ao tempo em que proclama seu intento de destruir o PC do Brasil. Se assim pensa, é bom que saiba que antes dele já o tentaram sem sucesso Filinto Muller, o torturador chefe de polícia do Estado Novo, os generais fascistas de 1964 e os renegados revisionistas e liquidacionistas de Prestes et cetera.

No seu ódio aos comunistas Barbosa resvala facilmente para atitudes de provocação. Atitudes que demonstram desespero. Embora isola-

do politicamente e moralmente descreditado, não cessará sua atividade anticomunista. A demora em começar a agir às claras era mais a tentativa de se refazer do golpe sofrido com o afastamento da direção e a expulsão do Partido.

A ação política de Barbosa é essencialmente fisiológica e sem princípios; não tenta convencer, mas comprar quem o apoie. No Congresso da UNE, por exemplo, o comparsa de Barbosa, Acildon PAE, juntou-se ao PRC, MR-8 e UDR para tramcar con-

tra "Viração", a corrente estudantil influenciada pelo PCdoB.

Os comunistas devem estar atentos, pois Barbosa não é apenas um pequeno-burguês que se extraviou do caminho da Revolução. Hoje ele apresenta-se como inimigo jurado dos comunistas e do seu partido, um arrivista e aventureiro de mãos dadas com o que há de pior na contra-revolução. Por mais que tente iludir um ou outro é preciso que se diga que não passa de um agente descarado da burguesia a quem se deve desmascarar até o fim.

MENSAGENS DE APOIO À DIREÇÃO NACIONAL E AO DIRETÓRIO DE SÃO PAULO

A Direção Nacional do Partido e o Diretório Regional de São Paulo têm recebido inúmeras manifestações de apoio pelas medidas de defesa do Partido recentemente tomadas em face da atividade liquidacionista dos grupelhos de Barbosa e Amélia. Eis algumas mensagens que chegaram à Redação de A CLASSE OPERÁRIA.

A gloriosa existência de nosso Partido é, entre outros fatores, fruto de uma firme e decidida luta contra todas as tendências de direita ou de "esquerda" que se manifestaram ao longo de sua história. Particularmente após a reorganização do Partido em 1962, em que se consolida uma direção estável fiel aos princípios marxistas-leninistas, em que a aplicação do marxismo-leninismo de forma viva e criadora à realidade brasileira se expressa na justeza de sua estratégia e na aplicação dinâmica de sua tática, em que interpretamos os sentimentos do povo brasileiro e traduzimos em termos políticos o que pensa a maioria do povo, não é algo sobrenatural, não é ocasional, o surgimento de grupos fracionistas-opportunistas com roupagem de "esquerda" e corpo de direita no seio do Partido. É, sim, expressão de uma realidade objetiva.

Refletem esses grupos os interesses da burguesia, que, utilizando-se de inúmeros instrumentos, desde a repressão à quebra da unidade ideológica do Partido, visam objetivamente desagregar a vanguarda do proletariado. E nesse momento de vida legal do Partido, é no campo das idéias que a burguesia ataca preferencialmente.

Assim foi com o grupo revisionista de Prestes e Cia na década de 50; assim foi com o grupo de Oséas, Levy, Genoino e Cia em 1978/79; assim foi com o grupo de Tarzan de Castro em 1966; assim é agora com o grupo de Barbosa, Luzia e Cia.

Este grupo fracionista e oportunista de São Paulo se eriçou, mostrou suas garras, tentando atingir a coluna vertebral do Partido, o centralismo-democrático (os fatos confirmam) e com certeza, são contra a ditadura do proletariado e o internacionalismo proletário.

Eriçou e disparou suas baterias cheias de balas de conteúdo pequeno-burguês contra o núcleo dirigente principal do Partido, a Direção Nacional e em particular contra o camarada João Amazonas, contra a Direção Regional de São Paulo. (Os fatos confirmam).

Nós, camaradas da turma José Stálin de agosto de 1987 do curso nacional do Partido, manifestamos total e irrestrito apoio à firme e decidida e justa expulsão desse grupo.

Expressamos nosso apoio e confiança nos camaradas da Direção Nacional e da Direção de São Paulo.

Conclamamos os camaradas do Partido a manterem a vigilância revolucionária e de forma ousada e decidida, apoiados na teoria marxista-leninista avançarmos na aplicação da linha política do Partido no dia a dia. A exercer corretamente o centralismo-democrático e o método da crítica e autocritica e construirmos um Partido à altura das tarefas que a Revolução nos coloca.

Extirpar um tumor maligno é antes de tudo fortalecer a unidade partidária.

Viva a Unidade Partidária!

Viva a Ideologia Proletária!

Viva o Partido Comunista do Brasil!

Turma José Stálin agosto/1987

Ao Diretório Nacional do PC do B:

O Diretório Regional do PC do B no Maranhão, em sua reunião ordinária de setembro, deliberou por unanimidade prestar irrestrito apoio à medida tomada pela Direção Regional do PC do B em São Paulo, com a aprovação do Diretório Nacional, quando expulsou de suas fileiras o grupo fracionista de Barbosa, Luzia e Pae. Esses elementos, degenerados e corrompidos pela burguesia, que tentaram solapar a unidade do PC do B em São Paulo, merecem a repulsa de todos os comunistas.

Decidiu, também por unanimidade, cerrar fileiras junto à Direção Nacional do nosso Partido manifestando total concordância com as medidas adotadas em relação a Maria Amélia Teles e seus seguidores. Não se pode admitir que dentro do Partido de vanguarda da classe operária esses elementos oportunistas desenvolvam atividades desagregadoras e antipartidárias, que ataquem a Direção Na-

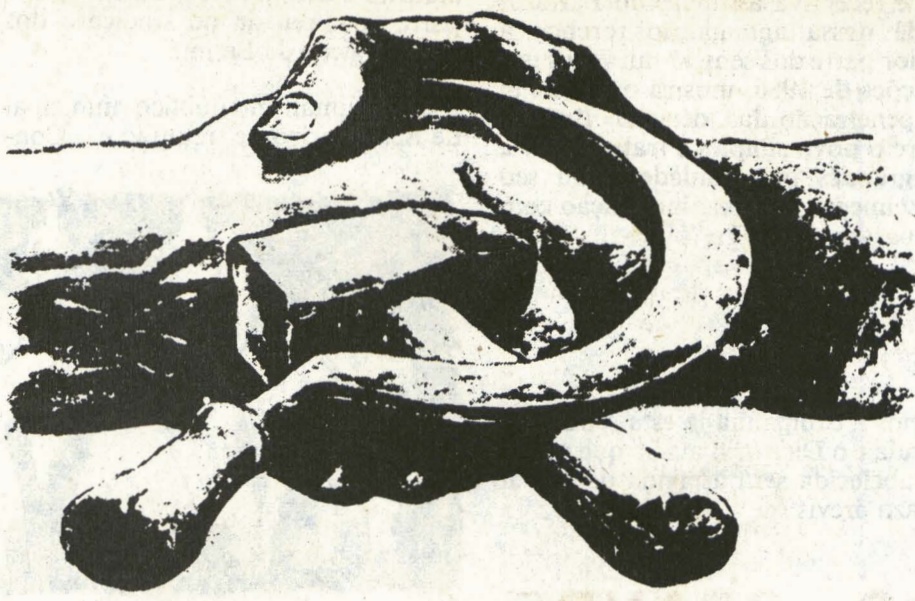
cional e sua linha política revolucionária.

No momento atual, em que se agravam a crise e as contradições do mundo capitalista, a burguesia procura por todos os meios semear a confusão ideológica e a divisão no movimento operário.

O Partido Comunista, partido de Marx, Engels, Lênin e Stálin, é incompatível com a existência de grupos ou frações em seu interior, pois é o instrumento de luta revolucionária de uma só classe — a classe operária. Só a unidade férrea — política, ideológica e organizativa dos comunistas — é capaz de enfrentar os ataques furiosos da burguesia e levar o proletariado a cumprir sua missão histórica de aniquilar a exploração e construir o socialismo.

Viva a unidade do Glorioso PC do Brasil!

Nádia Campeão, pelo Diretório Regional do PC do B — Maranhão.



Certa de que a unidade do Partido Comunista do Brasil é condição básica e indispensável para a conquista do socialismo na nossa pátria, e ciente do surgimento de dois grupos fracionistas no seio do Partido em São Paulo, a Direção Regional do PCdoB no Rio de Janeiro, reunida no dia 23 de setembro, aprovou por unanimidade as seguintes resoluções:

a) manifestar integral apoio à decisão da Direção Regional de São Paulo de expulsar do Partido Antônio Neto Barbosa, Acildon Pae de Mattos e Luzia Monteiro Araújo, articuladores de um dos grupos antipartido;

b) manifestar integral apoio à condenação feita pela Direção Nacional à atividade antipartidária de Amélia Silva Telles, articuladora do outro grupo fracionista;

c) afirmar sua confiança na Direção Regional do PCdoB de São Paulo, eleita na última conferência, que saberá superar as debilidades geradas no Partido pela

concepção pequeno-burguesa e burocrática que predominou na direção anterior, por responsabilidade central do próprio Barbosa; d) reafirmar seu irrestrito apoio à Direção Nacional do PCdoB, responsável maior pelos êxitos que o Partido vem alcançando em todo o país, núcleo central da unidade das fileiras comunistas;

e) deflagrar no coletivo partidário, em conformidade com a resolução da Direção Nacional, um amplo debate sobre o significado do fracionismo, visando a reforçar a unidade e disciplina do Partido, desenvolver a democracia interna e, ao mesmo tempo, alertar para as consequências nefastas da reprodução de atitudes "criticistas", personalistas, negativistas e de indisciplina partidária em nosso meio.

VIVA A UNIDADE DO PARTIDO!
VIVA O SOCIALISMO!
O Diretório Regional do PCdoB — RJ.

Receba em casa
A CLASSE OPERÁRIA
fazendo já sua assinatura!
Sim eu quero receber A CLASSE OPERÁRIA. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor de Cz\$ 180,00.
Rua Bororós nº 51 - 3º andar - CEP 01320

NOME _____
ENDERÇO _____
BAIRRO _____
CIDADE _____ CEP _____
ESTADO _____ PROFISSÃO _____
DATA _____

POR QUE SOU COMUNISTA CONCURSO DO PC DO B

O Diretório Regional de São Paulo, com muita satisfação, anuncia o vencedor do **Concurso Militante**, destinado a premiar os melhores textos com o título **POR QUE SOU COMUNISTA**.

Entre as dezenas de textos chegados, sagrou-se o de EDIVALDO ALVES DE BARROS, militante na capital escrito na forma de "repente" poético. Seu "repente" é sua própria história. Nele vemos a força ideológica de um homem simples, mas desassombrado na sua convicção de comunista; vemos a trajetória de um entre tantos brasileiros que descobriu as idéias de vanguarda da classe operária e a elas dedica suas energias.

Foram premiados também o texto dos camaradas de Jundiá — Galdino Mesquita, Mario Nakas-

hima e Maria Aparecida da Silva, — bem como o de Elder Vieira dos Santos, um jovem literato militante da capital.

Segundo avaliação da Executiva Regional de São Paulo, o Concurso Militante foi um instrumento de valor para demonstrar, uma vez mais, a vitalidade ideológica e política da organização comunista no Estado, e denota o espírito de combate firme pela unidade do Partido, em torno das orientações revolucionárias emanadas de seus órgãos dirigentes.

A Executiva saúda o exemplo desses camaradas, bem como o dos muitos outros que participaram do Concurso. Acredita, sinceramente, que seus textos representam mais um instrumento para a educação revolucionária de nossas fileiras.

(Abaixo publicamos trechos do "repente" que venceu o Concurso)

Eu que nunca fui poeta
Que nunca fui um cantor
Hoje vou contar um pouco
Do que sei e do que sou,
Da experiência que aprendi
Como um homem trabalhador
E com o povo sofredor
Toda a minha escalada
Pra entrar nesta jornada
Foi difícil e complicada
Asseguro aos camaradas
Mas nem que custe a vida
Vou pregar revolução
Aonde quer que eu possa

Com meu povo brigarei
Por justiça até morrer

Aos camaradas faço um alerta
Pra organização melhorar
Do Sul ao Norte e nordeste
Do oeste ao sudeste
Que com a união de todos
Nós vamos virar o jogo
E o capitalismo acabar

Sou comunista Leninista
DO GLORIOSO PCdoB
Título de muito orgulho
Pra quem ama a cor vermelha
Nem que custe a própria vida

Diógenes Arruda falou
Que em toda luta de classe
O partido tem que se firmar
E liderar e ser responsável
Este é o justo caminho
Pra revolução popular
E o socialismo plantar
EDIVALDO ALVES DE
BARROS

SAIU A REVISTA TEÓRICA DOS COMUNISTAS

O lançamento da Revista teórica dos comunistas — **PRINCÍPIOS** — é um importante acontecimento editorial e da atividade de agitação e propaganda do Partido.

O número 14 de **PRINCÍPIOS** traz em suas páginas matérias teóricas, políticas, de informação histórica, econômicas e literárias. Destaca-se o artigo do camarada João Amazonas sobre a Revolução Socialista de Outubro, que ora completa 70 anos. Nesse artigo, o dirigente do PC do B saúda a grande façanha dos revolucionários bolcheviques comandados por Vladimir Ilitch Lênin, aponta as grandes vitórias alcançadas no período da construção do socialismo, sob a ditadura do proletariado, condena a traição revisionista que liquidou as conquistas do proletariado soviético e assevera que somente trilhando o caminho de Outubro, os proletários e povos de todo o mundo poderão alcançar a tão almejada vitória em sua luta emancipadora pela liberdade, a verdadeira independência e o progresso social.

Também revestem-se de interesse outros artigos, como: "Marxismo-Doutrina Viva e Científica", de Lênin; "A Pilhagem Financeira", de Haroldo Lima; "O Significado da Glasnost", de Luís Fernandes; "O socialismo na Albânia", de José Renato Carvalho; "Fronteira Maurício Grabois

Princípios

Revista teórica, política e de informação outubro 1987 Cz\$ 180,00

VIVA A GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

O SIGNIFICADO DA "GLASNOST" 14
Editora Anita Garibaldi

Luis Manfredini: "O Papel do Sociólogo", de Clóvis Moura.

A revista **PRINCÍPIOS** é um indispensável instrumento de difusão das idéias progressistas, de formação política e ideológica e de polêmica com correntes antimarxistas. Deve ser lida, estudada e divulgada pelos militantes e quadros do nosso Partido.

Os pedidos de número avulso (Cz\$ 180,00) e de assinaturas (Cz\$700,00) devem ser feitos para a Editora Anita Garibaldi, Rua Bororós, 51, 3º andar, CEP-01320 São Paulo - SP.

